

Tabela 36: Vantagens da localização das MPEs empresas do APL de confecções de Salvador

Externalidades	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Disponibilidade de mão-de-obra qualificada	80,0%	20,0%	0,0%	0,0%	0,06	85,7%	14,3%	0,0%	0,0%	0,04
2. Baixo custo da mão-de-obra	53,3%	33,3%	13,3%	0,0%	0,18	57,1%	14,3%	28,6%	0,0%	0,21
3. Proximidade com os fornecedores de insumos e matéria prima	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
4. Proximidade com os clientes/consumidores	0,0%	33,3%	40,0%	26,7%	0,61	0,0%	0,0%	85,7%	14,3%	0,66
5. Infra-estrutura física (energia, transporte, comunicações)	20,0%	13,3%	46,7%	20,0%	0,52	28,6%	28,6%	28,6%	14,3%	0,40
6. Proximidade com produtores de equipamentos	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
7. Disponibilidade de serviços técnicos especializados	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
8. Existência de programas de apoio e promoção	46,7%	40,0%	6,7%	6,7%	0,23	42,9%	42,9%	14,3%	0,0%	0,21
9. Proximidade com universidades e centros de pesquisa	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00

*Índice = $(0 * N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 * N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 * N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Empresas no Segmento})$

Fonte: Pesquisa de campo

Um outro problema é a dificuldade de obtenção de matérias-primas e insumos (fornecedores localizados no Sul e Sudeste do país, custo de frete, prazos longos de entrega). Tanto para o APL de confecções de Salvador, quanto para o de Feira de Santa, esse problema é reflexo do não adensamento da cadeia têxtil/confecções baiana. A tabela 37 indica as transações comerciais mais importantes realizadas no APL de Feira de Santana.

Tabela 37: Transações comerciais realizadas localmente pelas MPEs empresas do APL de confecções de Feira de Santana

Tipos de Transações	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Aquisição de insumos e matéria prima	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
2. Aquisição de equipamentos	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
3. Aquisição de componentes e peças	80,0%	20,0%	0,0%	0,0%	0,06	71,4%	28,6%	0,0%	0,0%	0,09
4. Aquisição de serviços (manutenção, marketing, etc)	86,7%	13,3%	0,0%	0,0%	0,04	85,7%	14,3%	0,0%	0,0%	0,04
5. Vendas de produtos	0,0%	40,0%	53,3%	6,7%	0,51	0,0%	28,6%	28,6%	42,9%	0,69

*Índice = $(0 * N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 * N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 * N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Empresas no Segmento})$

Fonte: Pesquisa de Campo

Como se pode observar, a aquisição local de insumos, equipamentos, componentes e peças é praticamente nula. As transações comerciais realizadas localmente são, basicamente, as vendas de produtos.

5.3.2 Inovação, Cooperação e Aprendizado

Em linhas gerais, verificou-se que as empresas afirmaram ter realizado alguma atividade inovativa, de produto, processo ou organizacional, no período de 2004-2006. As inovações no produto se restringiram à introdução de produtos novos para as empresas, mas já existente no mercado que atuam. Destacam-se as inovações no desenho dos produtos, que todas as empresas entrevistadas afirmaram ter realizado. No que diz respeito a realização de mudanças organizacionais, as pequenas empresas mostraram-se mais engajadas do que as micro empresas. Já com relação as inovações de processo as micro empresas foram mais proativas (Tabela 38).

Tabela 38: Inovações nas MPES empresas do APL de confecções de Feira de Santana

Descrição	em %	
	Micro	Pequena
	Sim	Sim
1. Inovações de produto*	100,0%	100,0%
1.1. Produto novo para a sua empresa, mas já existente no mercado?	100,0%	100,0%
1.2. Produto novo para o mercado nacional?	6,7%	28,6%
1.3. Produto novo para o mercado internacional?	0,0%	0,0%
2. Inovações de processo*	73,3%	42,9%
2.1. Processos tecnológicos novos para a sua empresa, mas já existentes no setor?	73,3%	42,9%
2.2. Processos tecnológicos novos para o setor de atuação?	6,7%	14,3%
3. Outros tipos de inovação*	100,0%	100,0%
3.1. Criação ou melhoria substancial, do ponto de vista tecnológico, do modo de acondicionamento de produtos (embalagem)?	20,0%	28,6%
3.2. Inovações no desenho de produtos?	100,0%	100,0%
4. Realização de mudanças organizacionais (inovações organizacionais)*	73,3%	100,0%
4.1. Implementação de técnicas avançadas de gestão ?	13,3%	57,1%
4.2. Implementação de significativas mudanças na estrutura organizacional?	26,7%	57,1%
4.3. Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de marketing ?	50,0%	71,4%
4.4. Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de comercialização ?	42,9%	85,7%

Fonte: Pesquisa de campo

Aqui, vale reafirmar um alerta feito anteriormente: a grande incidência de atividades inovativas deve ser vista com ressalvas, pois o período da pesquisa de campo coincide com a mobilização em torno das políticas públicas voltadas para a promoção do APL de Feira de Santana, que enfatizam a importância das atividades inovativas.

A ampliação da gama de produtos ofertados e o aumento da qualidade dos produtos foram, a exemplo do APL de Salvador, os impactos mais importantes das introduções de inovações apontados pelos empresários. Para as pequenas empresas, o aumento da qualidade dos produtos foi ainda mais significativo. Embora não tão relevante, as inovações permitiram que as empresas mantivessem sua participação no mercado de atuação, possibilitando, inclusive, para as pequenas empresas, um aumento da participação no mercado interno. Essas mesmas inovações não provocaram impacto no mercado externo das empresas nem na redução dos custos de produção (Tabela 39).

Tabela 39: Impactos das atividades inovativas nas MPEs do APL de confecções de Feira de Santana, 2004-2006.

Descrição	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Aumento da produtividade da empresa	6,7%	60,0%	13,3%	20,0%	0,46	0,0%	42,9%	28,6%	28,6%	0,59
2. Ampliação da gama de produtos ofertados	6,7%	26,7%	26,7%	40,0%	0,64	0,0%	28,6%	42,9%	28,6%	0,63
3. Aumento da qualidade dos produtos	13,3%	13,3%	53,3%	20,0%	0,56	0,0%	14,3%	42,9%	42,9%	0,73
4. Permitiu que a empresa mantivesse a sua participação nos mercados de atuação	6,7%	46,7%	26,7%	20,0%	0,50	14,3%	14,3%	42,9%	28,6%	0,59
5. Aumento da participação no mercado interno da empresa	26,7%	26,7%	46,7%	0,0%	0,36	14,3%	14,3%	57,1%	14,3%	0,53
6. Aumento da participação no mercado externo da empresa	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
7. Permitiu que a empresa abrisse novos mercados	6,7%	66,7%	26,7%	0,0%	0,36	0,0%	42,9%	42,9%	14,3%	0,53
8. Permitiu a redução de custos do trabalho	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	0,30	28,6%	42,9%	28,6%	0,0%	0,30
9. Permitiu a redução de custos de insumos	13,3%	66,7%	13,3%	6,7%	0,35	28,6%	42,9%	28,6%	0,0%	0,30
10. Permitiu a redução do consumo de energia	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	0,30	28,6%	42,9%	28,6%	0,0%	0,30
11. Permitiu o enquadramento em regulações e normas padrão relativas ao Mercado Interno	26,7%	46,7%	6,7%	20,0%	0,38	28,6%	14,3%	14,3%	42,9%	0,56
12. Permitiu o enquadramento em regulações e normas padrão relativas ao Mercado Externo	86,7%	6,7%	6,7%	0,0%	0,06	71,4%	14,3%	14,3%	0,0%	0,13

*Índice = $(0 \cdot N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 \cdot N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 \cdot N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Empresas no Segmento})$

Fonte: Pesquisa de campo

A análise das fontes de informação para o aprendizado revela que para as empresas do arranjo as fontes internas são as mais importantes. Dessas fontes internas, as empresas não consideraram a atividade de P&D como de “alta importância”, principalmente as micro empresas. Este é um resultado esperado, pois este tipo de unidade produtiva não costuma realizar atividades sistemáticas de P&D. As áreas de produção, venda e *marketing* e os serviços de atendimento aos clientes são consideradas pelas empresas as mais importantes fontes de informação. Quanto as fontes externas, destacam-se os clientes. Assim como o APL de confecções de Salvador, o APL de Feira de Santana também não considera as universidades e os institutos de pesquisa como relevantes para obtenção de informações. No caso específico do APL de Feira de Santana,

centros de capacitação profissional também são irrelevantes. Isso porque em Feira de Santana não há a presença desses atores, o que é um sério problema, pois aqueles são fundamentais para promoção de vantagens competitivas. As conferências, seminários, cursos, publicações especializadas, feiras, exposições e lojas também foram consideradas como importantes para a obtenção de informações. Já o aprendizado interativo com atores locais, que se constitui em uma fonte fundamental para a transmissão de conhecimentos tácitos e a ampliação da capacitação produtiva e inovativa das firmas, parece ser bem tímido no APL (Tabela 40).

Tabela 40: Fontes de informação para o aprendizado das MPes do APL de Confeções de Feira de Santana

Descrição	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Fontes Internas										
1.1. Departamento de P & D	80,00%	13,30%	6,70%	0,00%	0,08	42,90%	28,60%	14,30%	14,30%	0,31
1.2. Área de produção	6,70%	13,30%	40,00%	40,00%	0,68	0,00%	0,00%	57,10%	42,90%	0,77
1.3. Áreas de vendas e marketing	0,00%	6,70%	46,70%	46,70%	0,77	0,00%	14,30%	42,90%	42,90%	0,73
1.4. Serviços de atendimento ao cliente	0,00%	46,70%	13,30%	40,00%	0,62	0,00%	28,60%	28,60%	42,90%	0,69
2. Fontes Externas										
2.2. Empresas associadas	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0
2.3. Fornecedores de insumos	46,70%	40,00%	13,30%	0,00%	0,2	57,10%	28,60%	14,30%	0,00%	0,17
2.4. Clientes	6,70%	6,70%	46,70%	40,00%	0,7	28,60%	14,30%	28,60%	28,60%	0,5
2.5. Concorrentes	93,30%	6,70%	0,00%	0,00%	0,02	71,40%	14,30%	14,30%	0,00%	0,13
2.6. Outras empresas do Setor	53,30%	33,30%	13,30%	0,00%	0,18	42,90%	14,30%	28,60%	14,30%	0,36
2.7. Empresas de consultoria	86,70%	6,70%	6,70%	0,00%	0,06	71,40%	14,30%	14,30%	0,00%	0,13
3. Universidades e Outros Institutos de Pesquisa										
3.1. Universidades	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0
3.2. Institutos de Pesquisa	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0
3.3. Centros de capacitação profissional, de assistência técnica e de manutenção	33,30%	40,00%	26,70%	0,00%	0,28	85,70%	0,00%	14,30%	0,00%	0,09
3.4. Instituições de testes, ensaios e certificações	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0
4. Outras Fontes de Informação										
4.1. Conferências, Seminários, Cursos e Publicações Especializadas	0,00%	6,70%	46,70%	46,70%	0,77	0,00%	14,30%	57,10%	28,60%	0,67
4.2. Feiras, Exibições e Lojas	0,00%	6,70%	66,70%	26,70%	0,69	0,00%	0,00%	57,10%	42,90%	0,77
4.3. Encontros de Lazer	86,70%	13,30%	0,00%	0,00%	0,04	85,70%	14,30%	0,00%	0,00%	0,04
4.4. Associações empresariais locais	40,00%	6,70%	33,30%	20,00%	0,42	57,10%	14,30%	28,60%	0,00%	0,21

*Índice = (0*N° Nulas + 0,3*N° Baixas + 0,6*N° Médias + N° Altas) / (N° Empresas no Segmento)

Fonte: Pesquisa de Campo

No aspecto cooperativo, verifica-se que 40% das micro empresas da amostra realizaram atividades entre 2004 e 2006. Essa frequência cai entre as pequenas empresas (28,6%) (Tabela 41).

Tabela 41: Participação em atividades cooperativas das empresas do APL de confecções de Feira de Santana, 2004 a 2006.

Tamanho da Empresa	Sim	Não	Total
1. Micro	40,0%	60,0%	100,0%
2. Pequena	28,6%	71,4%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

No tocante aos principais parceiros das atividades cooperativas, salientam-se os clientes, entidades sindicais e órgãos de apoio e promoção, especialmente, o SINDVEST/FSA e o SEBRAE local. Um aspecto negativo é a falta de menção à parcerias com universidades, institutos de pesquisa e outros agentes, o que, em princípio, se constitui numa limitação para o arranjo (Tabela 42).

Tabela 42: Principais parceiros nas atividades cooperativas das MPEs do APL de Confeções de Feira de Santana.

Agentes	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Empresas										
1.2. Empresas associadas	70,0%	0,0%	0,0%	30,0%	0,20	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
1.3. Fornecedores de insumos (equipamentos, materiais, componentes e softwares)	60,0%	30,0%	10,0%	0,0%	0,10	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
1.4. Clientes	0,0%	20,0%	40,0%	40,0%	0,47	0,0%	20,0%	40,0%	40,0%	0,50
1.5. Concorrentes	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
1.6. Outras empresas do setor	20,0%	30,0%	30,0%	20,0%	0,31	60,0%	20,0%	0,0%	20,0%	0,19
1.7. Empresas de consultoria	90,0%	0,0%	10,0%	0,0%	0,04	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
2. Universidades e Institutos de Pesquisa										
2.1. Universidades	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
2.2. Institutos de pesquisa	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
2.3. Centros de capacitação profissional de assistência técnica e de manutenção	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	80,0%	20,0%	0,0%	0,0%	0,04
2.4. Instituições de testes, ensaios e certificações	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00
3. Outros Agentes										
3.1. Entidades Sindicais	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,67	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,71
3.2. Órgãos de apoio e promoção	0,0%	30,0%	50,0%	20,0%	0,39	0,0%	60,0%	20,0%	20,0%	0,36
3.3. Agentes financeiros	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00

*Índice = $(0 * N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 * N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 * N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Empresas no Segmento})$

Fonte: Pesquisa de Campo

As formas de cooperação que têm maior importância para empresas entrevistadas são as reivindicações e a participação conjunta em feiras (Tabela 43). Essa sinalização reforça a importância do SINDVEST/FSA e a pouca relação dessas empresas com os demais agentes do APL.

Tabela 43: Formas de cooperação das MPEs do APL de Confeções de Feira de Santana.

Descrição	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Compra de insumos e equipamentos	70,0%	10,0%	10,0%	10,0%	0,13	80,0%	0,0%	0,0%	20,0%	0,14
2. Venda conjunta de produtos	50,0%	20,0%	30,0%	0,0%	0,16	80,0%	0,0%	20,0%	0,0%	0,09
3. Desenvolvimento de Produtos e processos	70,0%	20,0%	10,0%	0,0%	0,08	40,0%	60,0%	0,0%	0,0%	0,13
4. Design e estilo de Produtos	40,0%	30,0%	20,0%	10,0%	0,21	40,0%	40,0%	0,0%	20,0%	0,23
5. Capacitação de Recursos Humanos	40,0%	10,0%	30,0%	20,0%	0,27	40,0%	0,0%	40,0%	20,0%	0,31
6. Obtenção de financiamento	40,0%	10,0%	0,0%	50,0%	0,35	60,0%	0,0%	20,0%	20,0%	0,23
7. Reivindicações	0,0%	30,0%	20,0%	50,0%	0,47	20,0%	0,0%	40,0%	40,0%	0,46
8. Participação conjunta em feiras, etc	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	0,33	20,0%	0,0%	20,0%	60,0%	0,51

*Índice = $(0 * N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 * N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 * N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Total de Empresas})$

Fonte: Pesquisa de campo

Os resultados das ações conjuntas realizadas no APL de Feira de Santana, de certa forma, confirmam que as relações de cooperação são tímidas. Conforme pode ser observado na tabela 44, os resultados das poucas atividades cooperativas presente no arranjo ainda não foram percebidas como importantes pelo empresariado local que participaram de alguma cooperação com atores locais. Melhoria na qualidade dos produtos e processos e a melhor capacitação de recursos humanos foram os resultados apontados como os mais relevantes.

Tabela 44: Resultado das ações conjuntas das MPes do APL de Confecções de Feira de Santana

Descrição	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Melhoria na qualidade dos produtos	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%	0,29	20,0%	40,0%	20,0%	20,0%	0,31
2. Desenvolvimento de novos produtos	60,0%	10,0%	30,0%	0,0%	0,14	60,0%	0,0%	40,0%	0,0%	0,17
3. Melhoria nos processos produtivos	40,0%	30,0%	20,0%	10,0%	0,21	20,0%	40,0%	40,0%	0,0%	0,26
4. Melhoria nas condições de fornecimento dos produtos	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,10	20,0%	80,0%	0,0%	0,0%	0,17
5. Melhor capacitação de recursos humanos	20,0%	30,0%	40,0%	10,0%	0,29	20,0%	20,0%	60,0%	0,0%	0,30
6. Melhoria nas condições de comercialização	60,0%	30,0%	0,0%	10,0%	0,13	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	0,21
7. Introdução de inovações organizacionais	40,0%	30,0%	10,0%	20,0%	0,23	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	0,21
8. Novas oportunidades de negócios	40,0%	30,0%	30,0%	0,0%	0,18	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	0,21
9. Promoção de nome/marca da empresa no mercado nacional	80,0%	10,0%	10,0%	0,0%	0,06	80,0%	0,0%	20,0%	0,0%	0,09
10. Maior inserção da empresa no mercado externo	90,0%	10,0%	0,0%	0,0%	0,02	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00

*Índice = $(0 * N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 * N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 * N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Total de Empresas})$

Fonte: Pesquisa de Campo

Em suma, o APL de Confecções de Feira de Santana conta com um baixo nível de relacionamento horizontal entre as empresas. As relações estão circunscritas às entidades de classe.

6 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PROMOÇÃO DOS APLs DE CONFECCÕES DE SALVADOR E FEIRA DE SANTANA

6.1 PROGRAMA DE FORTALECIMENTO DA ATIVIDADE EMPRESARIAL

O aparato institucional de apoio aos APLs de Salvador e Feira de Santana é coordenado pela Rede de Apoio aos Arranjos Produtivos Locais do Estado da Bahia, que tem a Secretaria de Ciência Tecnologia e Inovação (SECTI)¹⁵ como gestora. Essa rede começou a funcionar em setembro de 2003, tendo como principais objetivos: desenvolver estudos e pesquisas para a identificação dos APLs potenciais, em estruturação e já consolidados; promover uma maior articulação entre os diversos atores que realizam ações em APL; desenvolver ações conjuntas que garantam “foco” e resolutividade na seleção e nas ações de suporte aos APLs; alavancar maior volume de recursos; e garantir um ambiente favorável à implantação e consolidação dos APLs.

Para atingir esses objetivos, a SECTI conseguiu firmar uma parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o SEBRAE e, juntos, formaram o Programa de Fortalecimento da Atividade Empresarial. O programa visa incentivar o desenvolvimento empresarial através de ações voltadas para a modernização institucional das empresas integrantes de APLs e conta com recursos oriundos do BID (US\$ 10 milhões), do SEBRAE (US\$ 5 milhões) e da FAPESB (US\$ 1,6 milhões).

O programa também tem como objetivo articular a cooperação entre os atores locais (empresariais e institucionais) para a difusão de práticas competitivas e sustentáveis nos APLs beneficiados. Ressalta-se que a formação de redes de empresas é um pré-requisito para a participação nesse Programa. A fim de avaliar se a cooperação requerida está de fato ocorrendo,

¹⁵ A Rede de Apoio aos APLs do Estado da Bahia, criada em 2003, é formada pelas seguintes instituições, além da SECTI: a Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária (SEAGRI), a Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração (SICM), a Secretaria do Planejamento (SEPLAN), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), o Centro de Negócios da Bahia (PROMO), a Agência de Fomento da Bahia (DESENBAHIA) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). O Banco do Nordeste e o Banco do Brasil participam como instituições de financiamento.

alguns indicadores são usados, tais como: índice de cooperação empresarial; e índice de articulação institucional¹⁶.

O programa está estruturado em quatro componentes: sensibilização, mobilização e articulação dos APLs beneficiados; oferta de serviços de apoio empresarial e tecnológico, públicos e privados, para as demandas dos APLs apoiados pelo programa; elaboração dos planos estratégicos para os APLs, executados de acordo com cronogramas e metas estabelecidas; e, por fim, criação de um sistema de difusão, acompanhamento e avaliação do programa implementado e operado.

Dos 66 APLs identificados no Estado, 10 foram escolhidos, segundo 13 critérios de seleção e priorização, para serem apoiados pela Rede de Apoio ao APLs do Estado da Bahia. Os critérios de seleção levaram em consideração o potencial de desenvolvimento empresarial que apresentam e a capacidade dos atores locais cooperarem entre si e com instituições parceiras dos APLs. Dentre os APLs selecionados estão os Arranjos Produtivos de Confecções de Salvador e Feira de Santana. Vale ressaltar, entretanto, que, para o referido projeto, os dois arranjos são considerados como um único arranjo produtivo local.

As outras instituições que participam da rede de apoio aos APLs do Estado têm desenvolvido ações voltadas para promoção dos arranjos produtivos de confecções de Salvador e Feira de Santana. O SEBRAE/BA, por exemplo, desenvolveu um modelo de gestão empresarial denominado GEOR (Gestão Estratégica Orientada para Resultados), em implantação desde outubro de 2003. Sua metodologia enfatiza a consecução de resultados concretos através de ações e objetivos acordados e contratualizados entre os beneficiários. Em 2005, ele começou a ser aplicado no APL de Confecções da Rua do Uruguai e Entorno, com o objetivo mais geral de alavancar a capacidade competitiva e fortalecer o capital social das micro e pequenas empresas de confecções. Os recursos financeiros destinados ao projeto foram da ordem de R\$ 900 mil, parcelados em três vezes, seguindo as etapas do modelo GEOR. No ano de 2005, foram utilizados cerca de R\$ 250 mil dos R\$ 300 mil previstos para a primeira etapa. Um dos resultados

¹⁶ Ver a respeito FERREIRA JUNIOR e outros (2006).

alcançados pelo projeto foi a promoção da Rodada Baiana de Negócios de Confeções, visando aproximar fabricantes e lojistas.

O SEBRAE/NA, em parceria com o Sistema SENAI e o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), também disponibiliza apoio ao arranjo produtivo através do programa de Gestão do Processo Produtivo e da Competitividade na Indústria de Confeções e de Moda, dirigido para a qualificação do empresariado.

A Agência de Fomento do Estado da Bahia (DESENBÁHIA), também constituinte da Rede de Apoio aos APLs do Estado da Bahia, possui uma linha de crédito especial destinada a empresas, cooperativas de produção ou associações de produtores inseridos em arranjos produtivos do Estado, denominada Programa de Apoio Creditício aos APLs do Estado da Bahia (CrediAPL). Essa linha de crédito também contempla atores privados localizados fora dos APLs, desde que possuam atividades econômicas correlatas, com o objetivo de reforçar a atração destes atores para o arranjo. Os recursos do CrediAPL são oriundos da Fundação Centro de Estudos para o Desenvolvimento Sustentável (FUNDESE).

O Projeto de Extensão Industrial Exportadora (PEIEX), parceria constituída pelo MDIC, SEBRAE e Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX Brasil), treina consultores para operar em micro e pequenas empresas inseridas em APLs. Esses consultores, por sua vez, atuam na capacitação dos empreendimentos.

Além dessas ações promovidas pelas instituições articulados em torno da Rede de Apoio aos Arranjos Produtivos Locais do Estado da Bahia, o Sistema FIEB/IEL está incentivando a implantação de um portal virtual na Internet, com o objetivo de aumentar a interação entre as empresas, promover a disseminação de informações e exercitar formas de governança local (CRUZ; PASSOS, 2006, p. 155).

Como alertado na introdução, para avaliar o alcance destas políticas foi necessário que o questionário padrão da RedeSist fosse um pouco modificado, incorporando algumas perguntas do questionário aplicado na pesquisa coordenada por Ferreira Júnior e outros(2006).

6.2 POLÍTICAS PÚBLICAS NO APL DE CONFECÇÕES DE SALVADOR

A tabela 45 sintetiza o conhecimento e a participação efetiva das empresas pesquisadas em programas ou ações para o APL de confecções de Salvador. A maioria das empresas entrevistadas não conhece, ou conhece, mas não participa das iniciativas de apoio ao APL promovidas no âmbito do governo federal e municipal. As políticas promovidas pelo governo estadual são mais conhecidas e têm maior participação, embora menos que as ações promovidas pelo SEBRAE, onde 61,5% das micro empresas entrevistadas e 71,4% das pequenas empresas não só têm conhecimento como participam.

Tabela 45: Participação efetiva das MPEs em programas ou ações para o APL de confecções de Salvador

Instituição	Micro			Pequena		
	Não conhece	Conhece, mas não participa	Conhece e participa	Não conhece	Conhece, mas não participa	Conhece e participa
1. Governo Federal	84,6%	15,4%	0,0%	57,1%	28,6%	14,3%
2. Governo Estadual	23,1%	30,8%	46,2%	0,0%	42,9%	57,1%
3. Governo Local/Municipal	61,5%	23,1%	15,4%	42,9%	42,9%	14,3%
4. SEBRAE	7,7%	30,8%	61,5%	0,0%	28,6%	71,4%
5. Outras Instituições	38,5%	23,1%	38,5%	14,3%	28,6%	57,1%

Fonte: Pesquisa de campo

As MPEs entrevistadas tomaram conhecimento das iniciativas de promoção do arranjo, principalmente via o SINDVEST e o SEBRAE Já a SECTI, gestora das principais iniciativas de apoio ao arranjo no Estado, foi a responsável pela informação das iniciativas para 5% das empresas entrevistadas (Tabela 46). Sobre a circulação de informações das iniciativas de apoio ao arranjo, 65% das empresas entrevistadas afirmaram que elas pouco circulam.

Tabela 46: Instituições/atores locais que informaram às MPEs do APL de confecções de Salvador sobre as iniciativas de apoio

Instituições	(%)
Sebrae	25
SINDVEST	30
SECTI	5
FIEB/IEL	0
Outros empresários	15
Gestora local	15
Não conhece	10
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa de campo

Quando perguntados sobre se as iniciativas contribuíram para fortalecer a interação local, 40% das empresas afirmaram que elas pouco contribuíram para a interação local, 35% das empresas afirmaram que contribuíram, 20% não possuem elementos para avaliar e 5% afirmam que as iniciativas não promoveram o fortalecimento da interação local.

Os obstáculos a financiamentos são considerados muito grandes pelas empresas entrevistadas no arranjo. Inexistência de linhas de crédito adequadas às necessidades da empresa, dificuldades ou entraves burocráticos para se utilizar as fontes de financiamento existentes, exigência de aval/garantias por parte das instituições de financiamento, e entraves fiscais que impedem o acesso às fontes oficiais de financiamento foram considerados como críticos para obtenção de financiamento externo, principalmente para as micro empresas (Tabela 47).

Tabela 47: Principais obstáculos que limitam o acesso das empresas do APL de confecções de Salvador as fontes externas de financiamento

Limitações	Micro					Pequena				
	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*	Nula	Baixa	Média	Alta	Índice*
1. Inexistência de linhas de crédito adequadas às necessidades da empresa	0,0%	15,4%	30,8%	53,8%	0,77	28,6%	14,3%	28,6%	28,6%	0,50
2. Dificuldades ou entraves burocráticos para se utilizar as fontes de financiamento existentes	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	1,00	0,0%	14,3%	14,3%	71,4%	0,84
3. Exigência de aval/garantias por parte das instituições de financiamento	0,0%	0,0%	15,4%	84,6%	0,94	0,0%	0,0%	14,3%	85,7%	0,94
4. Entraves fiscais que impedem o acesso às fontes oficiais de financiamento	0,0%	0,0%	7,7%	92,3%	0,97	0,0%	0,0%	14,3%	85,7%	0,94

Fonte: Pesquisa de campo

A maioria das empresas da amostra pesquisada afirma que, mesmo conhecendo ou participando de algum programa ou ação institucional, não tem elementos para avaliar tais programas e ações. Apesar disso, quando se dispõem a avaliá-los, a avaliação é, de forma geral, negativa, devido, em parte, à morosidade das ações (Tabela 48).

Tabela 48: Avaliação das políticas públicas de apoio ao APL de confecções de Salvador

Instituição	Micro			Pequena		
	Avaliação Positiva	Avaliação Negativa	Sem elementos para Avaliação	Avaliação Positiva	Avaliação Negativa	Sem elementos para Avaliação
	1. Governo Federal	15,4%	23,1%	61,5%	0,0%	28,6%
2. Governo Estadual	15,4%	38,5%	46,2%	0,0%	28,6%	71,4%
3. Governo Local/Municipal	15,4%	38,5%	46,2%	0,0%	28,6%	71,4%
4. SEBRAE	38,5%	38,5%	23,1%	28,6%	14,3%	57,1%
5. Outras Instituições	23,1%	15,4%	61,5%	14,3%	14,3%	71,4%

Fonte: Pesquisa de campo

6.3 POLÍTICAS PÚBLICAS NO APL DE CONFECÇÕES DE FEIRA DE SANTANA

A exemplo do ocorrido no APL de confecções de Salvador, as políticas e programas de apoio ao APL de confecções de Feira de Santana são pouco conhecidas pelas empresas da amostra, sobretudo as promovidas pelos governos federal e municipal. Em termos relativos, percebe-se que o SEBRAE local possui maior visibilidade quanto ao conhecimento de suas ações específicas para o APL, pois apenas 6,7% das micro empresas e 14,3% das pequenas empresas afirmaram desconhecer seus programas e ações, enquanto 60% das micro empresas e 71,4% das pequenas empresas conhecem e participam dos programas do SEBRAE local (Tabela 49).

Tabela 49: Participação efetiva das MPEs em programas ou ações para o APL de confecções de Feira de Santana

Instituição	Micro			Pequena		
	Não conhece	Conhece, mas não participa	Conhece e participa	Não conhece	Conhece, mas não participa	Conhece e participa
1. Governo Federal	93,3%	6,7%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%
2. Governo Estadual	26,7%	40,0%	33,3%	42,9%	14,3%	42,9%
3. Governo Local/Municipal	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%
4. SEBRAE	6,7%	33,3%	60,0%	14,3%	14,3%	71,4%
5. Outras Instituições	6,7%	46,7%	46,7%	14,3%	28,6%	57,1%

Fonte: Pesquisa de campo

Em que pese o conhecimento dos programas do SEBRAE, a maior parte das empresas da amostra afirmou que tomou conhecimento das informações sobre as iniciativas de promoção do APL por meio do SINDVEST/Feira de Santana. Os dados evidenciam que o sindicato exerce, de fato, a coordenação no arranjo. O SEBRAE e outros empresários do segmento também foram importantes para a disseminação das informações. Mais uma vez, a SECTI, gestora dos principais programas de apoio aos APLs no estado, não é apontada como divulgadora dessas ações (Tabela 50). Talvez por isso, 90% dos empresários entrevistados afirmaram que as informações sobre os programas ou não circulam facilmente ou a circulação é restrita.

Tabela 50: Instituições/atores locais que informaram às MPEs do APL de confecções de Feira de Santana sobre as iniciativas de apoio

Instituições	(%)
SEBRAE	18,18
SINDVEST	63,64
SECTI	0,0
FIEB/IEL	0,0
Outros empresários	18,2
Gestor Local	0,0
Não conhece	0,0

Fonte: Pesquisa de campo

No que se refere ao fortalecimento da interação local, 45,45% dos empresários entrevistados afirmaram que os programas de promoção do APL não contribuíram para tal e 31,8% indicaram que contribuíram pouco. Esses dados reforçam a já constatada tímida relação e/ou articulação local no APL de confecções de Feira de Santana. Apesar das empresas estarem localizadas em uma dada concentração espacial, formando um arranjo produtivo local, elas não mantêm interações entre si e não se articulam o suficiente junto às demais organizações locais para difundirem informações e conhecimento tácito.

Tabela 51: Avaliação dos programas ou ações específicas para as MPEs do APL de Confecções de Feira de Santana

Instituição	Micro			Pequena		
	Avaliação Positiva	Avaliação Negativa	Sem elementos para Avaliação	Avaliação Positiva	Avaliação Negativa	Sem elementos para Avaliação
1. Governo Federal	15,4%	23,1%	61,5%	0,0%	28,6%	71,4%
2. Governo Estadual	15,4%	38,5%	46,2%	0,0%	28,6%	71,4%
3. Governo Local/Municipal	15,4%	38,5%	46,2%	0,0%	28,6%	71,4%
4. SEBRAE	38,5%	38,5%	23,1%	28,6%	14,3%	57,1%
5. Outras Instituições	23,1%	15,4%	61,5%	14,3%	14,3%	71,4%

Fonte: Pesquisa de campo

Embora haja um aparato de apoio ao arranjo produtivo, grande parte das empresas entrevistadas afirmou ainda não possuir elementos para avaliação desses programas. E, como ocorrido em Salvador, as que fizeram algum tipo de avaliação, em geral, avaliaram negativamente (Tabela 51). Isto sinaliza um descrédito em relação às políticas públicas de promoção do APL.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação buscou-se analisar, a partir do referencial teórico neoschumpeteriano, como se dá o processo de inovação, cooperação e aprendizado nos APLs de confecções de Salvador e Feira de Santana, bem como avaliar o alcance efetivo e os impactos das políticas públicas dirigidas para o desenvolvimento desses arranjos. A opção pela teoria neoschumpeteriana decorre do entendimento que esta teoria, ao se preocupar com a geração e difusão do conhecimento, sobretudo no que diz respeito aos mecanismos de aprendizado, e as diversas formas de interação como modo de ampliação das oportunidades inovativas e tecnológicas, pode ser vista como a base teórica, por excelência, para a análise dos Arranjos Produtivos Locais. O caráter específico e local da inovação, associado ao papel das instituições, sejam elas formais ou informais, o conceito de *path dependence*, os mecanismos de aprendizado e as formas de cooperação quando reunidos em um único arcabouço teórico mostram-se bastante adequados para análise dos APLs; afinal a inovação, cooperação e o aprendizado são os alicerces deste conceito.

Ao analisar os aspectos teóricos ligados aos processos inovativos e a geração e difusão de conhecimento, sobretudo o conhecimento tácito, esta dissertação tratou de ressaltar como questões relacionadas às especificidades locais são fundamentais para o desenvolvimento local/regional. O ambiente local e suas variadas especificidades e interações (culturais, sociais, políticas, econômicas e institucionais) se constituem em um *locus* privilegiado para criação de competitividades dinâmicas.

Dessa forma, as novas estratégias de desenvolvimento regional devem atentar para as especificidades e atores locais. A teoria do desenvolvimento regional endógeno, por exemplo, enfatiza a questão das externalidades positivas provenientes da aglomeração produtiva, uma herança marshalliana, como também sofre uma forte influência da corrente evolucionista neoschumpeteriana, principalmente no que se refere às peculiaridades dos processos de inovação no desenvolvimento regional, sendo, portanto, pertinente para embasar ações públicas voltadas para a constituição e fomento dos Arranjos Produtivos Locais. Nesses, o estímulo ao chamado capital social, que pressupõe a capacidade dos agentes, no interior de um dado arranjo produtivo, de

cooperar entre si, torna-se fundamental. Esta cooperação, por sua vez, exige confiança mútua, fruto de um processo lento e histórico.

Viabilizado o binômio confiança/cooperação, aumentam as chances para que o processo de aprendizado e o surgimento de inovações se materializem, resultando no incremento competitivo no arranjo produtivo como um todo. Dessa forma, as políticas públicas de promoção dos APLs, devem, entre outras coisas, atuar no sentido de mobilizar o capital social de modo a viabilizar tal binômio. Para tal elas precisam considerar os conceitos que fundamentam a abordagem de APLs (inovação, cooperação e aprendizado), bem como as mudanças estruturais e as alterações no padrão de concorrência que estão ocorrendo no setor específico do APL.

Como visto, o advento das TICs e a conseqüente flexibilização da produção impactou na estrutura produtiva e concorrencial da indústria de confecções, possibilitando uma maior internacionalização da sua produção. Isto evidencia-se através do deslocamento das etapas produtivas trabalho-intensiva para países cujo custo de mão-de-obra é mais baixo, ficando concentradas nos países desenvolvidos as atividades inovativas geradoras de competitividade dinâmicas, como o *design* e *marketing*.

Aliado à essa nova configuração produtiva e concorrencial da indústria mundial de confecções, as mudanças no cenário econômico brasileiro, na década de 1990, também impactaram essa indústria, provocando a modernização e a redistribuição regional da produção. Entretanto, apesar da modernização verificada no parque fabril, a indústria de confecções ainda se apresenta bastante heterogênea, tanto no que se refere aos processos produtivos quanto as formas organizacionais. Ademais, a cadeia brasileira de confecções, principalmente a nordestina, apresenta enormes problemas estruturais que precisam ser resolvidos, caso se almeje uma maior competitividade e inserção no mercado externo.

Diante do acirramento da concorrência e da busca por incrementos de competitividade, a nível global, a partir de inovações técnicas e organizacionais, torna-se imperativo, para uma maior competitividade e inserção externa do setor confecionista brasileiro, a adoção de ações que promovam a cooperação, aprendizado e inovação, algo que pode ser estimulado em APLs que mostrem, mesmo que de forma incipiente, potencialidades que possam ser exploradas.

Apoiada nessa visão, essa dissertação procurou analisar os aspectos ligados a inovação, cooperação, aprendizado e as políticas públicas de apoio aos APLs de confecções de Salvador e Feira de Santana, com o intuito de identificar as oportunidades e dificuldades dos referidos APLs se inserirem, de forma competitiva, em mercados mais dinâmicos.

A comparação dos resultados da pesquisa de campo e do estudo de Cassiolato, Campos e Stallivieri (2006), mostra traços comuns entre as características ligadas aos processos de aprendizagem e de inserção de inovações de micro e pequenas empresas em arranjos produtivos locais de confecções no Brasil e os APLs de Confecções de Salvador e de Feira de Santana, na Bahia.

Em geral, a estrutura produtiva dos APLs de Confecções de Salvador e de Feira de Santana segue a tendência geral da indústria de confecções e sua espacialização no território nacional. No entanto, é mister destacar um quadro geral mais precário, principalmente no tocante à qualidade da mão-de-obra local. De fato, a estrutura de capacitação não avança além da oferta de cursos industriais básicos, localizados em Salvador. Assim, no APL de Confecções de Feira de Santana o estado é ainda mais crítico, posto que a escassez de trabalhadores se une à inexistência de cursos regulares de capacitação.

O menor adensamento da cadeia têxtil/confecções, a grande parcela de micro e pequenos empreendimentos pouco especializados, o baixo nível de capacitação e a pouca densidade da mão-de-obra local tendem a imprimir um viés competitivo negativo, incidindo sobre a capacidade de inserção destes dois APLs nos mercados nacional e internacional. A resolução de tais gargalos é condição básica para imprimir maior competitividade em ambos APLs. No caso específico do APL de confecções de Salvador, um grande entrave para seu desenvolvimento foi a indefinição da governança local. Essa indefinição prejudicou a própria dinâmica, desenvolvimento e consolidação do APL, justamente por não haver união em torno de um objetivo comum e coletivo.

No que diz respeito a inovações, observou-se, a partir dos resultados obtidos na pesquisa de campo, elevadas taxas de inovação nos APLs estudados, independente do tamanho das empresas. O percentual extremamente elevado de empresas que se dizem introduzindo inovações deve ser

visto com cautela, pois esses percentuais podem, em parte, refletir a mobilização em torno do desenvolvimento de vantagens competitivas.

Dentre os principais esforços inovativos declarados pelas empresas dos APLs destacam-se as inovações nos desenhos dos produtos e as mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de comercialização e *marketing*. No que se refere a inovações em processos tecnológicos, observou-se características interessantes e inversas nos arranjos produtivos estudados. No APL de Salvador as pequenas empresas foram as que mais introduziram inovações desse tipo, enquanto no APL de Feira de Santana foram as micro empresas as que mais realizaram inovações em processos tecnológicos. No entanto, cabe destacar que a dificuldade de acesso a inovações tecnológicas e organizacionais é uma das fragilidades das empresas dos APLs de confecções. As micro e pequenas empresas não têm escala nem recursos para utilização das inovações microeletrônicas como o CAD e o CAM. A baixa complexidade tecnológica das empresas dos arranjos limita sua competitividade e oferece poucas oportunidades inovativas.

Apesar da base tecnológica entre as empresas não diferirem, significativamente, entre si, a gestão empresarial apresenta diferenças, sobretudo no que se refere a capacidade de articulações, tanto verticais quanto horizontais. As empresas mais articuladas são as que apresentam uma maior interação com os atores locais, sobretudo com outros empresários e com a unidade gestora dos programas de apoio aos APLs. Normalmente, estas empresas apresentam maiores vantagens competitivas, em decorrência de um maior acesso às informações.

Ressalta-se, entretanto, que embora os dados da pesquisa de campo nos APLs de Salvador e Feira de Santana tenham evidenciado altos percentuais de atividades cooperadas, tanto os resultados destas atividades como as formas de cooperação são bem tímidos, sendo os clientes apontados como os principais parceiros. Assim, a mobilização em torno da importância da inovação e das atividades cooperadas, fruto das políticas em de apoio aos arranjos, parece explicar as elevadas taxas de inovação e cooperação declaradas.

A pouca interação empresarial e as escassas articulações entre as empresas com outras instituições, como universidades e centros de pesquisas, dificultam ações que estimulem uma maior cooperação local. Observa-se, assim, que ainda há espaço para uma maior articulação entre os atores dos APLs, sobretudo, as articulações interfirmas, pois existe pouca iniciativa nas

relações de cooperação originária dos próprios empresários, dado o pequeno número de redes de firmas já formadas e estruturadas nos APLs, oito em Salvador e quatro em Feira de Santana.

As empresas dos APLs, de modo geral, ainda não perceberam as oportunidades de atuarem de forma articulada e próximas as universidades, centros de pesquisa e outras instituições locais. Ademais, a constituição de redes interempresarias é fundamental para o desenvolvimento do APL, visto que as políticas públicas de apoio ao mesmo, de certa forma, impõem a formação de redes empresariais. A constituição em rede é pré-requisito para participar dos editais do Programa de Fortalecimento da Atividade Empresarial.

A baixa articulação horizontal do empresariado e a menor qualificação do quadro de trabalhadores também não favorecem o aprendizado interativo do tipo *learning by doing/using/interacting*. A estrutura produtiva basicamente formada por empreendimentos de menor escala de produção e com poucos recursos financeiros não auxiliam na formação de centros de P&D internos às firmas. Tudo isto dificulta o acesso às novas tecnologias e compromete a capacidade competitiva das empresas. Assim, o padrão inovativo de ambos APLs parece seguir a tendência geral da indústria de confecções nacional: imitação de desenhos através de revistas especializadas, feiras, ou através da simples observação de vitrines de lojas.

Diante disso, de acordo com a tipologia proposta por Mittelka e Farinelli (2005, p. 354), pode-se classificar os APLs estudados como sendo aglomerados informais que reúnem micro e pequenas empresas com nível tecnológico relativamente baixo em relação à fronteira tecnológica da indústria, e cujos proprietários possuem limitada capacidade gerencial. Os trabalhadores geralmente possuem baixa qualificação e pouco ou nenhum aprendizado contínuo é oferecido de forma a promover a melhoria sustentada das habilidades. Ainda de acordo com as autoras, nesses aglomerados a coordenação e a formação de redes entre empresas tendem a ser fracas e caracterizam-se por uma perspectiva limitada de crescimento, competição acirrada, pouca confiança e baixo compartilhamento de informações.

No âmbito das políticas públicas, um sério problema verificado é que na definição do APL de confecções de Salvador e Feira de Santana a questão da territorialidade não se mostrou relevante. No caso do APL de Salvador, há uma fragmentação e dispersão espacial das empresas que aderiram ao projeto de desenvolvimento do APL. Apesar da grande concentração de empresas na

região de Península de Itapagipe, os programas de desenvolvimento do arranjo beneficiam empresas situadas em toda cidade do Salvador.

A questão da territorialidade torna-se ainda menos significativa para as atuais iniciativas de apoio aos APLs estudados. O projeto BID, por exemplo, principal iniciativa de promoção dos APLs, considera o APL de Confecções de Salvador e Feira de Santana como o único APL, o APL de moda da Bahia. Aqui, constata-se um grande problema: a adoção de políticas uniformes para os dois APLs ignora a existências de disparidades notáveis tanto nas características quanto na dinâmica dos dois arranjos. A dispersão espacial dificulta ainda mais as relações entre as empresas e as instituições, que já não são significativas nos arranjos. Dessa forma, as políticas adotadas parecem ser muito mais políticas de fortalecimento setorial, que visam o aumento da competitividade do setor do que uma política de promoção dos APLs, tal como sugerida pela RedeSist.

Além disso, as ações do Projeto BID vêm apresentando certa morosidade, o que provoca um lento avanço na estruturação dos APLs e um certo descrédito em relação às políticas públicas. Ademais, é mister atentar para os problemas de territorialidade e limite dos APLs, acima mencionado, que dificultam a implementação das ações de promoção do desenvolvimento local, uma vez que os APLs estudados são bastante diversificados, possuem trajetórias de desenvolvimento e princípios organizativos distintos, além de problemas específicos.

Dessa forma, torna-se essencial definir os limites de um dado arranjo produtivo de modo que o resultado não seja uma excessiva generalização do conceito e do que de fato é um APL. Mais uma vez: a principal iniciativa de apoio aos APLs não limita, espacialmente e/ou territorialmente, as empresas que podem ser beneficiadas pelo programa. A única condição é que elas estejam articuladas em rede de firmas.

Nesse sentido, as iniciativas de promoção dos APLs estudados podem, por problemas estruturais e conceituais apresentados, serem implementadas sem, necessariamente, se referirem a abordagem de APLs, podendo, portanto, serem tratadas como políticas de apoio setorial.

Ademais, como se não bastasse o ambiente institucional ainda não consolidado, não existe uma articulação natural entre as empresas dos APLs estudados, o que acaba por dificultar as ações em

prol de uma maior cooperação e aprendizado. A constituição de redes de empresas é bastante diminuta e a maioria das empresas desconhece tanto as possibilidades deste tipo de articulação quanto as formas de organização em torno de redes de firmas. Ou seja, há uma falta de preparo e capacitação do empresariado para atuar em rede de empresas. Essa falta de capacitação empresarial pode se tornar um efeito limitador para o desenvolvimento do APL.

Considerando o baixo grau de articulação e a grande heterogeneidade das empresas que compõem os arranjos, o Programa de Fortalecimento da Atividade Empresarial pode gerar uma concentração no segmento de confecções, visto que, com base nas características dos APLs estudados, no presente momento, poucas empresas realmente teriam condições de ter acesso a esses recursos deste programa, pois ele exige que as empresas estejam organizadas em redes de firmas e que possuam o capital necessário para a contrapartida requerida (FERREIRA JÚNIOR e outros, 2006).

Uma possibilidade de reversão parcial desse quadro, no APL de Salvador, é a implantação do Condomínio Bahia Têxtil, projeto a ser instalado na Rua do Uruguai. Nesse condomínio estarão reunidas 20 empresas de confecções, o que pode potencializar as economias de aglomerações e contribuir para o aumento da sinergia e das relações entre os produtores, favorecendo o aprendizado interativo. Há também expectativas em relação a construção “Pólo de Logística das Indústrias de Confecções de Feira de Santana e Região” (POLICON) em Feira de Santana. Entretanto, a implantação desses empreendimentos parece não estar em pauta, pelo menos à médio prazo.

A constituição, também recente, da Rede de *Design* da Bahia poderá, igualmente, melhorar as vantagens competitivas para as empresas do segmento. Ela objetiva sensibilizar as empresas para utilização do *design* como fator de melhoria da qualidade, produtividade e diferencial competitivo. A marca Bahia também seria uma fonte de competitividade, que precisa ser reforçada, juntamente com padrões mais elevados de qualidade. Para isto, são pertinentes as articulações para a construção de uma marca de origem, baseada no desenvolvimento de *design* exclusivo. Elas devem buscar uma maior integração entre produtores, instituições e centros de P&D.

Enfim, os Arranjos Produtivos de Confeções de Salvador e de Feira de Santana apresentam problemas em sua estrutura produtiva e organizacional, que poderão repercutir sobre os processos de aprendizado e de introdução de inovações, dificultando sua competitividade e inserção mais forte em novos mercados. As políticas públicas desenhadas para remover algumas das desvantagens competitivas identificadas nesses APLs, por problemas identificados nessa dissertação, ainda não se afirmaram e não parecem ter reconhecimento por parte dos atores produtivos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. Desenvolvimento Econômico Local e Distribuição do Progresso Técnico: uma resposta às exigências do ajuste estrutural, **Banco do Nordeste**, Fortaleza, 1998.
- ALBAGLI, S. **Globalização e espacialidade: o novo papel do local**. Rio de Janeiro, p. 14, mar. 1998. Disponível em: <<http://www.icasa.org.br/icasa/p14.htm>> Acesso em: 12/05/08.
- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L.. **Capital social e empreendedorismo local**. IE/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.
- AMARAL FILHO, J. Desenvolvimento regional endógeno: (re)construção de um conceito, reformulação das estratégias. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 26, n. 3, 2002
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO (ABRAVEST). **Dados do Setor**. Disponível em: <<http://www.abraves.org.br>>. Acesso em: 18 mar. 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES (ABIT). Disponível em: <<http://www.abit.org.br>>. Acesso: 23/04/07.
- BALBI, A. L. L.; MALUF, R. B. **Caracterização e Desenvolvimento do APL de Confecções da Rua do Uruguai: Antecedentes e Resultados**. Salvador, [2004?]. 15p. Disponível em: <<http://www.redenos.org>>. Acesso em: 22 jun. 2006
- BAPTISTA, M. **A abordagem neo-schumpeteriana: desdobramentos normativos e implicações para política industrial**. 1997. Tese (Doutorado em Economia) – UNICAMP, Campinas, 1997.
- BRAGA, C. de A. **Acirramento da concorrência e alterações nas estratégias competitivas na indústria de vestuário: O caso do APL de Petrópolis**. 2005. 123 p. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.
- BRUNO, F da S., MALDONADO, L. M. de O.. **O futuro da indústria têxtil e de confecções: vestuário de malha**. Brasília; MIDIC/IBL, 2005
- CAMPOS, R.. Ampliando espaços de aprendizagem: um foco para políticas de estímulos aos arranjos produtivos locais. **RedeSist**, 2006. Disponível em: <www.redesist.ie.ufrj.br>. Acesso: 12/08/06.
- CAMPOS, R. (Coord.). Projeto de Pesquisa: Micro e Pequenas Empresas em Arranjos Produtivos Locais. In: SEMINÁRIO: MICROS E PEQUENAS EMPRESAS EM ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS, 2002, Florianópolis. Anais. Florianópolis, 2002. p. 10-19.

- CAMPOS, R.; CÁRIO, S. A. F.; NICOLAU, J. A. **Arranjo Produtivo Têxtil-Vestuário do Vale de Itajai/SC**. 2000. Disponível em: <http://redesist.ie.ufrj.br/dados/nt_count.php?projeto=nt2&cod=20>. Acesso em: 26 fev. 2007.
- CASSIOLATO, J. E.; CAMPOS, R.; STALLIVIERI, F. Processos de aprendizagem em setores tradicionais: os arranjos produtivos locais de confecções no Brasil. In: ENCONTRO REGIONAL DE ECONOMIA, ANPEC, 2006, Fortaleza. Anais. Fortaleza, 2006. 19 p..
- CASSIOLATO, J.E.; LASTRES, H.M.M.; SZAPIRO, M. Arranjos e sistemas produtivos locais e proposições de políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico. (Nota Técnica 27 – Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico, , Rio de Janeiro; IE/UFRJ, 2000.
- CHIRON, C. **Influence of quotas, tariffs and bilateral trade agreement on post 2005 apparel trade**, Massachusetts. Havard Center textile and apparel research. Jun 2004
- CRIBB, A. Y. Inovação e difusão: considerações teóricas sobre a mudança tecnológica. **Essência Científica**, v. 1, n. 1, pp. 1 - 12, mar. 2002. Disponível em: http://www.geocities.com/gifadbr/publicacoes/escient/ec_01010102.htm. Acesso em: 10 de dez. de 2006.
- CRUZ, Rossini. Marcos Teóricos para a Reflexão sobre as Desigualdades Regionais: Uma Breve Revisão da Literatura. **Revista de Desenvolvimento Econômico (RDE)**, v. 2, n. 3. Salvador, jan. 2000.
- DINIZ, Clélio Campolina. Global-Local: Interdependência e Desigualdades ou Notas para uma Política Tecnológica e Industrial Regionalizada no Brasil. In: CASSIOLATO, José Eduardo e LASTRES, Helena Maria Martins (Orgs.). **Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- DINIZ, C., CROCCO, M. Bases teóricas e instrumentais da economia regional e urbana e sua aplicabilidade ao Brasil: uma breve reflexão. In. DINIZ, C. C., CROCCO, M. (Org.). **Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes**. Belo Horizonte. UFMG, 2006. p. 9-31.
- DINIZ, C. C., SANTOS, F., CROCCO, M. Conhecimento, inovação e desenvolvimento regional/local. In. DINIZ, C. C., CROCCO, M. (Org.). **Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 87 – 122.
- DOSI, G. Sources, procedures and microeconomic effects of innovation. **Journal of Economic Literature**, v. 26, n.3, p. 1120 – 1171, set. 1988.
- FERREIRA JR., H; e outros. **As Políticas para Promoção de ASPILs na Bahia: Os Casos dos APLs de Confecções e o de Tecnologia de Informações**. Salvador, 2006. 76p.
- FGV/IBRE. **Análise da Eficiência Econômica e da Competitividade da Cadeia Têxtil Brasileiro**. Rio de Janeiro, FGV, 1999.

- FREEMAN, C. **The economics of industrial innovation**. Francis Pinter: Londres, 1982.
- GEREFFI, G. **Outsourcing and changing patterns of international competition in the apparel commodity chain**. Duke University. Paper presented at the conference on "Responding globalization: societies, groups and individuals" Colorado, 2002.
- GEREFFI, G. **Industrial upgrading in the apparel commodity chain: what can Mexico learn from East Asia?** Duke University, Paper presented at the international conference on "Business transformation and social change in East Asia", 1999
- GORINI, A. P. F. ; SIQUEIRA, S. H. G. **O Complexo Têxtil Brasileiro**. BNDES, Edição Especial novembro de 1997. Rio de Janeiro;BNDES, 1997 (Estudos Setoriais).
- GORINI, A, P, F. **Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas**. BNDES, n. 12., p. 17-50. Rio de Janeiro: BNDES, 2000. (Estudos Setoriais).
- HAGUENAUER, L. **Competitividade: conceitos e medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1989. (Texto para discussão n. 211).
- HAGUENAUER, L e outros. **Evolução das Cadeias Produtivas Brasileiras na Década de 90 Brasília**, IPEA/INPES, 2001 (Texto para discussão n. 786)
- INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL - IEMI **Relatório setorial da Indústria Têxtil Brasileira**, São Paulo, 2000.
- INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL - IEMI **Relatório setorial da Indústria Têxtil Brasileira**, São Paulo, 2006.
- INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL - IEMI **Relatório setorial da Indústria Têxtil Brasileira**, São Paulo, 2007.
- JOHNSON, B., LUNNDVALL, B.. **Promovendo sistemas de inovação como resposta à economia do aprendizado crescentemente globalizada**. In: LASTRES, H., CASSIOLATO, E., J., ARROIO, A. (ORG). **Conhecimento, Sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UFRJ/Contraponto, 2005. p. 83 – 130.
- LA ROVERE, Renata L. ; e outros. **Industrialização Descentralizada: Sistemas Industriais Locais: Estudo do Setor Têxtil e de Confecções**. 2000. Disponível em: <http://redesist.ie.ufrj.br/dados/nt_count.php?projeto=nt2>
- LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José Eduardo. **Novas políticas na era do conhecimento: o foco em arranjos produtivos locais**. 2003. Disponível em: <http://redesist.ie.ufrj.br/dados/nt_count.php?projeto=ar1&cod=2>. Acesso em: 2 mai. 2006.
- LATRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José E. **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais**. 2005. Disponível em: < <http://www.redesist.ufrj.br/glossario.php>>. Acesso em: 27 dez. 2005 >.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Registro Anual de Informações Sociais**. 2001. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Registro Anual de Informações Sociais**. 2002. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Registro Anual de Informações Sociais**. 2003. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Registro Anual de Informações Sociais**. 2004. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Registro Anual de Informações Sociais**. 2005. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Registro Anual de Informações Sociais**. 2006. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

ROSENBERG, N. The historiography of technical progress. In: **Inside the black box: technology and economics**, Cambridge. Cambridge University Press; 1982.

MYRDAL, Gunnar. **Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: UFMG Biblioteca Universitária, 1960. [Primeira edição: 1957.

MYTELKA, L., FARINELLI, F.. De aglomerados locais a sistemas de inovação. In: LASTRES, H., CASSIOLATO, E., J., ARROIO, A. (Org.). **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UFRJ/Contraponto, 2005. p. 347 – 378.

NELSON, R. ; WINTER, S.; **An evolutionary theory of technical change**, Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982

NORTH, D. **Institutions, institutional change and economic performance**. New York. Cambridge University Press, 1990.

NORTH, D. El desempeño economico a lo largo del tiempo. **The American Economic Review**. v. 84, n. 3., 1994.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO – OMC. **International trade statistics**, 2007. Disponível em: <http://www.wto.org>. Acesso: 28 mar. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO – OMC. Disponível em: <http://www.wto.org>. Acesso: 28 mar. 2008.

PAVITT, K. Sectoral Patterns of Technical Change: Towards a Taxonomy and a Theory, **Research Policy**, n.13, p. 343-373, 1984.

PEIXOTO, F. J. M., **O local e os sistemas de inovações em países subdesenvolvidos: o caso do arranjo produtivo de moda praia de Cabo Frio/RJ**. 2005. 177 p. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

- PIORE, M.J. ; SABEL, C.F. **The Second Industrial Divide: Possibilities for Prosperity**. New York: Basic Books, 1984.
- POSSAS, M.. Em direção a um paradigma microdinâmico: a abordagem neo schumpeteriana. In: AMADEO, E., org. **Ensaio sobre economia política moderna: teoria e história do pensamento econômico**. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- PROCHNIK, Vitor. **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio**. Cadeia Têxtil e de Confecções. Campinas: IE-UNICAMP, 2002. (Nota técnica final).
- PROCHNIK, Vitor. **A cadeia têxtil/confecções perante os desafios da ALCA e do Acordo Comercial com a União Européia**. 2003. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n1p53_83.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2007.
- REDE DE PESQUISA EM SISTEMAS E ARRANJOS PRODUTIVOS E INOVATIVOS LOCAIS, 2005. Disponível em: <<http://www.redeprod.org.br/>>. Acesso em: 25/11/2005.
- SANTOS, Luciano D. **Concorrência e cooperação em arranjos produtivos locais: o caso do Pólo de Informática de Ilhéus/Ba**. 2005. 151 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, UFBA, Salvador, 2005.
- SENSU CONSULTORIA ORGANIZACIONAL. **Diagnóstico do Setor de Confecções de Feira de Santana e Região: Demandas e Expectativas**. Feira de Santana, 2004, 64p.
- SCHMITZ, H. **Flexible specialisation: a new paradigm of small-scale industrialisation?** IDS, Sussex, 1989.
- SCHMITZ, H. **Collective efficiency and increasing returns**. Institute of Development Studies, UK, 1997. (Working Paper, n. 50)
- SCHMITZ, H. Aglomerações produtivas locais e cadeias de valor: como a organização das relações entre empresas influencia o aprimoramento produtivo. In: LASTRES, H., CASSIOLATO, E., J., ARROIO, A. (Org.). **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UFRJ/Contraponto, 2005.
- SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. Edição Original: 1942.
- SCHMOOKLER, J. **Invention and Economic Growth**, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1966.
- SCOTT, A. J. ; STORPER, Michael. **Production, Work, Territory (The Geographical of Industrial Capitalism)**. Boston: Allen & Unwin, 1986.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Arranjos Produtivos Locais**. Disponível em: <<http://www2.ba.sebrae.com.br/arranjosprodutivos>>. Acesso em: 22 set. 2006.

SIMOM, H. A. **From substantive to procedural rationality. Models of Bounded rationality**, v. 2, 1976.

SIMOM, H. A. O papel da racionalidade no comportamento administrativo. In: **Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1979. (Tradução: Aluizio Loureiro Pinto).

STORPER, Michael. Desenvolvimento Territorial na Economia Global do Aprendizado: O Desafio dos Países em Desenvolvimento. In: RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz; Santos Júnior, Orlando Alves dos (Orgs.). **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana: O Futuro das Cidades Brasileiras na Crise**. Rio de Janeiro: Ed, Civilização Brasileira, 1994, 432 p.

TEECE, D., PISANO, G.. The dynamic capabilities of firms: an introduction. **Industrial and corporate change**. v. 3, n. 3, p. 537- 556, 1994.

TEIXEIRA, F. Desenvolvimento Industrial e Tecnologia: revisão de literatura e uma proposta de abordagem. Salvador: NPGA/UFBA, 1986. Disponível em: <<http://www.bahia.gov.br/secti/indus/indus.htm>>. Acesso em: 26/10/2006.

TEIXEIRA, Francisco; GUERRA, Oswaldo. **Subsídios para a política científica, tecnológica e de inovação em setores industriais selecionados na Bahia**. Salvador, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.secti.ba.gov.br/anexos/politica/RELVERPREL.doc>>. Acesso em: 10 fev. 2007.

TOMMASO, Marco R. Di, DUBBINI, Sabrina. **Towards a theory of the small firm: theoretical aspects and some policy implications**. Santiago, Chile, August, 2000.

TORRES, R., ALMEIDA, S., TATSCH, A. S.. **Cooperação e Aprendizado em Arranjos produtivos locais: aspectos conceituais e indicadores da Redesist. IE/UFRJ**, Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>>. Acesso em 20/11/2006.

VIANA, Fernando Luiz Emerenciano. Os desafios da indústria têxtil e de confecções. **BNB Conjuntura Econômica**, Fortaleza, n. 4, p. 5-10, 2006.

ANEXO 1. LISTA DE EMPRESAS SALVADOR

MARCIA GANEM ATELIER

220 VOLTZ ATELIER

ONDA SPORT IND COM. DE CONFECÇÕES LTDA

GUARISCO E GUARISCO LTDA

MEDRADO E KERCHE ROUPAS PROFISSIONAIS LTDA

ZOEH IND. E COM. DE CONFECÇÕES

RAIO COMÉRCIO E IND. DE CONFECÇÕES LTDA

LEME IND. E COMÉRCIO LTDA

CIRBAS - COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS LTDA

ABREU ABREU CONFECÇÕES LTDA

MARIA DE LURDES IMBASSAY DE ASSIS ATELIER

PINHEIRO RÉGIS MODA PRAIA LTDA

AVESRARAS IND. DE CONFECÇÕES

DIDARA IND COM E SERV DE CONFECÇÃO LTDA

JAVA COM. CONFECÇOES LTDA

A.M.R. PIRES

MARTINICA IND. COM. LTDA

DIJANA COM DE CONFECÇÕES LTDA

CONFECÇÕES HEBERT LTDA

JEANNE GOUBERT ATELIER DE LUXE

ANEXO 2. LISTA DE EMPRESAS FEIRA DE SANTANA

NANA BACANA IND. E COMÉRCIO DE CONFECÇÕES

SANGUE LATINO

RM CONFECÇÕES

PINHO & SILVA CONFECÇÕES

E F CONFECÇÕES LTDA

TF FARDAMENTOS

RAKAMAR INDUSTRIA E COMERCIO LTDA.

BLUSAS. COM COMÉRCIO E INDÚSTRIA

DI LEON CONFECÇÕES LTDA

LV CONFECÇÕES

CONTAGIUM IND. DE CONFECÇÕES

FABRI MALHAS INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE FARDAMENTOS

ZARFF IND. E COM. DE CONFECÇÕES LTDA

CGS ALVES

JULIANA LEITE GAMA LTDA.

NUBIA TRINDADE FERREIRA

CMV DA SILVA CONFECÇÕES

LULA & LULA LTDA

MARRAXO IND. DE CONFECÇÕES LTDA

BABUSKA

QUIMIA INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES LTDA

PONTO.COM COM E SERVIÇOS EM BORDADOS

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO

AS EMPRESAS NO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

Código de identificação: _____ Número do arranjo _____ Número do questionário _____

I - IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

1. Razão Social: _____
 2. Endereço _____
 3. Município de localização: _____ (código IBGE) _____
 4. Tamanho.

<input type="checkbox"/> 1.	Micro
<input type="checkbox"/> 2.	Pequena
<input type="checkbox"/> 3.	Média
<input type="checkbox"/> 4.	Grande

5. Segmento de atividade principal (classificação CNAE): _____
 6. Pessoal ocupado atual: _____
 7. Ano de fundação: _____

II – PRODUÇÃO, MERCADOS E EMPREGO.

8. Quais fatores são determinantes para manter a capacidade competitiva na principal linha de produto? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Fatores	Grau de importância			
Qualidade da matéria-prima e outros insumos	(0)	(1)	(2)	(3)
Qualidade da mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Custo da mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Nível tecnológico dos equipamentos	(0)	(1)	(2)	(3)
Capacidade de introdução de novos produtos/processos	(0)	(1)	(2)	(3)
Desenho e estilo nos produtos	(0)	(1)	(2)	(3)
Estratégias de comercialização	(0)	(1)	(2)	(3)
Qualidade do produto	(0)	(1)	(2)	(3)
Capacidade de atendimento (volume e prazo)	(0)	(1)	(2)	(3)

III – INOVAÇÃO, COOPERAÇÃO E APRENDIZADO

BOX 1

Um novo produto (bem ou serviço industrial) é um produto que é novo para a sua empresa ou para o mercado e cujas características tecnológicas ou uso previsto diferem significativamente de todos os produtos que sua empresa já produziu.

Uma significativa melhoria tecnológica de produto (bem ou serviço industrial) refere-se a um produto previamente existente cuja performance foi substancialmente aumentada. Um produto complexo que consiste de um número de componentes ou subsistemas integrados pode ser aperfeiçoado via mudanças parciais de um dos componentes ou subsistemas. Mudanças que são puramente estéticas ou de estilo não devem ser consideradas.

Novos processos de produção são processos que são novos para a sua empresa ou para o setor. Eles envolvem a introdução de novos métodos, procedimentos, sistemas, máquinas ou equipamentos que diferem substancialmente daqueles previamente utilizados por sua firma.

Significativas melhorias dos processos de produção envolvem importantes mudanças tecnológicas parciais em processos previamente adotados. Pequenas ou rotineiras mudanças nos processos existentes não devem ser consideradas.

1. Qual a ação da sua empresa no período entre 2004 e 2006, quanto à introdução de inovações? Informe as principais características conforme listado abaixo. (observe no Box 1 os conceitos de produtos/processos novos ou produtos/processos significativamente melhorados de forma a auxiliá-lo na identificação do tipo de inovação introduzida)

Descrição	1. Sim	2. Não
Inovações de produto		
Produto novo para a sua empresa, mas já existente no mercado?.	(1)	(2)
Produto novo para o mercado nacional?.	(1)	(2)
Produto novo para o mercado internacional?.	(1)	(2)
Inovações de processo		
Processos tecnológicos novos para a sua empresa, mas já existentes no setor?.	(1)	(2)
Processos tecnológicos novos para o setor de atuação?.	(1)	(2)
Outros tipos de inovação		
Criação ou melhoria substancial, do ponto de vista tecnológico, do modo de acondicionamento de produtos (embalagem)?.	(1)	(2)
Inovações no desenho de produtos?.	(1)	(2)
Realização de mudanças organizacionais (inovações organizacionais)		
Implementação de técnicas avançadas de gestão?.	(1)	(2)
Implementação de significativas mudanças na estrutura organizacional?.	(1)	(2)
Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de marketing?.	(1)	(2)
Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de comercialização?.	(1)	(2)
Implementação de novos métodos e gerenciamento, visando a atender normas de certificação (ISO 9000, ISSO 14000, etc.)?.	(1)	(2)

2. Se sua empresa introduziu algum produto novo ou significativamente melhorado durante os últimos anos, 2004 a 2006, favor assinalar a participação destes produtos nas vendas em 2006, de acordo com os seguintes intervalos: (1) equivale de 1% a 5%; (2) de 6% a 15%; (3) de 16% a 25%; (4) de 26% a 50%; (5) de 51% a 75%; (6) de 76% a 100%.

Descrição	Intervalos						
	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Vendas internas em 2006 de novos produtos (bens ou serviços) introduzidos entre 2004 e 2006	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Vendas internas em 2006 de significativos aperfeiçoamentos de produtos (bens ou serviços) introduzidos entre 2004 e 2006	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Exportações em 2006 de novos produtos (bens ou serviços) introduzidos entre 2004 e 2006	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Exportações em 2006 de significativos aperfeiçoamentos de produtos (bens ou serviços) introduzidos entre 2004 e 2006	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)

3. Avalie a importância do impacto resultante da introdução de inovações introduzidas durante os últimos três anos, 2004 a 2006, na sua empresa. Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Descrição	Grau de Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Aumento da produtividade da empresa	(0)	(1)	(2)	(3)
Ampliação da gama de produtos ofertados	(0)	(1)	(2)	(3)
Aumento da qualidade dos produtos	(0)	(1)	(2)	(3)
Permitiu que a empresa mantivesse a sua participação nos mercados de atuação	(0)	(1)	(2)	(3)
Aumento da participação no mercado interno da empresa	(0)	(1)	(2)	(3)
Aumento da participação no mercado externo da empresa	(0)	(1)	(2)	(3)
Permitiu que a empresa abrisse novos mercados	(0)	(1)	(2)	(3)
Permitiu a redução de custos do trabalho	(0)	(1)	(2)	(3)
Permitiu a redução de custos de insumos	(0)	(1)	(2)	(3)
Permitiu a redução do consumo de energia	(0)	(1)	(2)	(3)
Permitiu o enquadramento em regulações e normas padrão relativas ao:				
- Mercado Interno	(0)	(1)	(2)	(3)
- Mercado Externo	(0)	(1)	(2)	(3)
Permitiu reduzir o impacto sobre o meio ambiente	(0)	(1)	(2)	(3)

4. Que tipo de atividade inovativa sua empresa desenvolveu no ano de 2006? Indique o grau de constância dedicado à atividade assinalando (0) se não desenvolveu, (1) se desenvolveu rotineiramente, e (2) se desenvolveu ocasionalmente. (observe no Box 2 a descrição do tipo de atividade)

Descrição	Grau de Constância		
	(0)	(1)	(2)
Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) na sua empresa	(0)	(1)	(2)
Aquisição externa de P&D	(0)	(1)	(2)
Aquisição de máquinas e equipamentos que implicaram em significativas melhorias tecnológicas de produtos/processos ou que estão associados aos novos produtos/processos	(0)	(1)	(2)
Aquisição de outras tecnologias (softwares, licenças ou acordos de transferência de tecnologias tais como patentes, marcas, segredos industriais)	(0)	(1)	(2)
Projeto industrial ou desenho industrial associados a produtos/processos tecnologicamente novos ou significativamente melhorados	(0)	(1)	(2)
Programa de treinamento orientado à introdução de produtos/processos tecnologicamente novos ou significativamente melhorados	(0)	(1)	(2)
Programas de gestão da qualidade ou de modernização organizacional, tais como: qualidade total, reengenharia de processos administrativos, desverticalização do processo produtivo, métodos de "just in time", etc	(0)	(1)	(2)
Novas formas de comercialização e distribuição para o mercado de produtos novos ou significativamente melhorados	(0)	(1)	(2)

BOX 2

Atividades inovativas são todas as etapas necessárias para o desenvolvimento de produtos ou processos novos ou melhorados, podendo incluir: **pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e processos; desenho e engenharia; aquisição de tecnologia incorporadas ao capital** (máquinas e equipamentos) e **não incorporadas ao capital** (patentes, licenças, know how, marcas de fábrica, serviços computacionais ou técnico-científicos) relacionadas à implementação de inovações; **modernização organizacional** (orientadas para reduzir o tempo de produção, modificações no desenho da linha de produção e melhora na sua organização física, desverticalização, just in time, círculos de qualidade, qualidade total, etc); **comercialização** (atividades relacionadas ao lançamento de produtos novos ou melhorados, incluindo a pesquisa de mercado, gastos em publicidade, métodos de entrega, etc); **capacitação**, que se refere ao treinamento de mão-de-obra relacionado com as atividades inovativas da empresa.

Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) - *compreende o trabalho criativo que aumenta o estoque de conhecimento, o uso do conhecimento objetivando novas aplicações, inclui a construção, desenho e teste de protótipos.*

Projeto industrial e desenho - *planos gráficos orientados para definir procedimentos, especificações técnicas e características operacionais necessárias para a introdução de inovações e modificações de produto ou processos necessárias para o início da produção.*

5. Sua empresa efetuou atividades de **treinamento e capacitação** de recursos humanos durante os últimos três anos, 2004 a 2006? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Descrição	Grau de Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Treinamento na empresa	(0)	(1)	(2)	(3)
Treinamento em cursos técnicos realizados no arranjo	(0)	(1)	(2)	(3)
Treinamento em cursos técnicos fora do arranjo	(0)	(1)	(2)	(3)
Estágios em empresas fornecedoras ou clientes	(0)	(1)	(2)	(3)
Estágios em empresas do grupo	(0)	(1)	(2)	(3)
Contratação de técnicos/engenheiros de outras empresas do arranjos	(0)	(1)	(2)	(3)
Contratação de técnicos/engrenheiros de empresas fora do arranjo	(0)	(1)	(2)	(3)
Absorção de formandos dos cursos universitários localizados no arranjo ou próximo	(0)	(1)	(2)	(3)
Absorção de formandos dos cursos técnicos localizados no arranjo ou próximo	(0)	(1)	(2)	(3)

BOX 3

Na literatura econômica, o conceito de aprendizado está associado a um processo cumulativo através do qual as firmas ampliam seus conhecimentos, aperfeiçoam seus procedimentos de busca e refinam suas habilidades em desenvolver, produzir e comercializar bens e serviços.

As várias formas de aprendizado se dão:

- *a partir de fontes internas à empresa, incluindo: aprendizado com experiência própria, no processo de produção, comercialização e uso; na busca de novas soluções técnicas nas unidades de pesquisa e desenvolvimento; e*
- *a partir de fontes externas, incluindo: a interação com fornecedores, concorrentes, clientes, usuários, consultores, sócios, universidades, institutos de pesquisa, prestadores de serviços tecnológicos, agências e laboratórios governamentais, organismos de apoio, entre outros.*

Nos APLs, o aprendizado interativo constitui fonte fundamental para a transmissão de conhecimentos e a ampliação da capacitação produtiva e inovativa das firmas e instituições.

6. Quais dos seguintes itens desempenharam um papel importante como fonte de informação para o aprendizado, durante os últimos três anos, 2004 a 2006? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa. Indicar a formalização utilizando 1 para formal e 2 para informal. Quanto à localização utilizar 1 quando localizado no arranjo, 2 no estado, 3 no Brasil, 4 no exterior. (Observe no Box 3 os conceitos sobre formas de aprendizado).

	Grau de Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Departamento de P & D	(0)	(1)	(2)	(3)
Área de produção	(0)	(1)	(2)	(3)
Áreas de vendas e marketing, serviços de atendimento ao cliente	(0)	(1)	(2)	(3)
Outros (especifique)	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras empresas dentro do grupo	(0)	(1)	(2)	(3)
Empresas associadas (joint venture)	(0)	(1)	(2)	(3)
Fornecedores de insumos (equipamentos, materiais)	(0)	(1)	(2)	(3)
Clientes	(0)	(1)	(2)	(3)
Concorrentes	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras empresas do Setor	(0)	(1)	(2)	(3)
Empresas de consultoria	(0)	(1)	(2)	(3)
Universidades	(0)	(1)	(2)	(3)
Institutos de Pesquisa	(0)	(1)	(2)	(3)
Centros de capacitação profissional, de assistência técnica e de manutenção	(0)	(1)	(2)	(3)
Instituições de testes, ensaios e certificações	(0)	(1)	(2)	(3)
Licenças, patentes e "know-how"	(0)	(1)	(2)	(3)
Conferências, Seminários, Cursos e Publicações Especializadas	(0)	(1)	(2)	(3)
Feiras, Exibições e Lojas	(0)	(1)	(2)	(3)
Encontros de Lazer (Clubes, Restaurantes, etc)	(0)	(1)	(2)	(3)
Associações empresariais locais (inclusive consórcios de exportações)	(0)	(1)	(2)	(3)
Informações de rede baseadas na internet ou computador	(0)	(1)	(2)	(3)

BOX 4

O significado genérico de cooperação é o de trabalhar em comum, envolvendo relações de confiança mútua e coordenação, em níveis diferenciados, entre os agentes.

Em arranjos produtivos locais, identificam-se diferentes tipos de cooperação, incluindo a cooperação produtiva visando a obtenção de economias de escala e de escopo, bem como a melhoria dos índices de qualidade e produtividade; e a cooperação inovativa, que resulta na diminuição de riscos, custos, tempo e, principalmente, no aprendizado interativo, dinamizando o potencial inovativo do arranjo produtivo local. A cooperação pode ocorrer por meio de:

- intercâmbio sistemático de informações produtivas, tecnológicas e mercadológicas (com clientes, fornecedores, concorrentes e outros)
- interação de vários tipos, envolvendo empresas e outras instituições, por meio de programas comuns de treinamento, realização de eventos/feiras, cursos e seminários, entre outros
- integração de competências, por meio da realização de projetos conjuntos, incluindo desde melhoria de produtos e processos até pesquisa e desenvolvimento propriamente dita, entre empresas e destas com outras instituições

7. Durante os últimos três anos, 2004 a 2006, sua empresa esteve envolvida em atividades cooperativas, formais ou informais, com outra (s) empresa ou organização? (observe no Box 4 o conceito de cooperação).

<input type="checkbox"/> 1.	Sim
<input type="checkbox"/> 2.	Não

8. Em caso afirmativo, quais dos seguintes agentes desempenharam papel importante como parceiros, durante os últimos três anos, 2004 a 2006? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa. Indicar a formalização utilizando 1 para formal e 2 para informal. Quanto a localização utilizar 1 quando localizado no arranjo, 2 no estado, 3 no Brasil, 4 no exterior.

Agentes	Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras empresas dentro do grupo	(0)	(1)	(2)	(3)
Empresas associadas	(0)	(1)	(2)	(3)
Fornecedores de insumos (equipamentos, materiais, componentes e softwares)	(0)	(1)	(2)	(3)
Clientes	(0)	(1)	(2)	(3)
Concorrentes	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras empresas do setor	(0)	(1)	(2)	(3)
Empresas de consultoria	(0)	(1)	(2)	(3)
Universidades	(0)	(1)	(2)	(3)
Institutos de pesquisa	(0)	(1)	(2)	(3)
Centros de capacitação profissional de assistência técnica e de manutenção	(0)	(1)	(2)	(3)
Instituições de testes, ensaios e certificações	(0)	(1)	(2)	(3)
Representação	(0)	(1)	(2)	(3)
Entidades Sindicais	(0)	(1)	(2)	(3)
Órgãos de apoio e promoção	(0)	(1)	(2)	(3)
Agentes financeiros	(0)	(1)	(2)	(3)

9. Qual a importância das seguintes formas de cooperação realizadas durante os últimos três anos, 2004 a 2006 com outros agentes do arranjo? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Descrição	Grau de Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Compra de insumos e equipamentos	(0)	(1)	(2)	(3)
Venda conjunta de produtos	(0)	(1)	(2)	(3)
Desenvolvimento de Produtos e processos	(0)	(1)	(2)	(3)
Design e estilo de Produtos	(0)	(1)	(2)	(3)
Capacitação de Recursos Humanos	(0)	(1)	(2)	(3)
Obtenção de financiamento	(0)	(1)	(2)	(3)
Reivindicações	(0)	(1)	(2)	(3)
Participação conjunta em feiras, etc	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras: especificar	(0)	(1)	(2)	(3)

10. Caso a empresa já tenha participado de alguma forma de cooperação com agentes locais, como avalia os resultados das ações conjuntas já realizadas. Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Descrição	Grau de Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhoria na qualidade dos produtos	(0)	(1)	(2)	(3)
Desenvolvimento de novos produtos	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhoria nos processos produtivos	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhoria nas condições de fornecimento dos produtos	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhor capacitação de recursos humanos	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhoria nas condições de comercialização	(0)	(1)	(2)	(3)
Introdução de inovações organizacionais	(0)	(1)	(2)	(3)
Novas oportunidades de negócios	(0)	(1)	(2)	(3)
Promoção de nome/marca da empresa no mercado nacional	(0)	(1)	(2)	(3)
Maior inserção da empresa no mercado externo	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras: especificar	(0)	(1)	(2)	(3)

11. Como resultado dos processos de treinamento e aprendizagem, formais e informais, acima discutidos, como melhoraram as capacitações da empresa. Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Descrição	Grau de Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhor utilização de técnicas produtivas, equipamentos, insumos e componentes	(0)	(1)	(2)	(3)
Maior capacitação para realização de modificações e melhorias em produtos e processos	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhor capacitação para desenvolver novos produtos e processos	(0)	(1)	(2)	(3)
Maior conhecimento sobre as características dos mercados de atuação da empresa	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhor capacitação administrativa	(0)	(1)	(2)	(3)

IV – ESTRUTURA, GOVERNANÇA E VANTAGENS ASSOCIADAS AO AMBIENTE LOCAL

BOX 5

Governança diz respeito aos diferentes modos de coordenação, intervenção e participação, nos processos de decisão locais, dos diferentes agentes — Estado, em seus vários níveis, empresas, cidadãos e trabalhadores, organizações não-governamentais etc. — ; e das diversas atividades que envolvem a organização dos fluxos de produção, assim como o processo de geração, disseminação e uso de conhecimentos.

Verificam-se duas formas principais de governança em arranjos produtivos locais. As hierárquicas são aquelas em que a autoridade é claramente internalizada dentro de grandes empresas, com real ou potencial capacidade de coordenar as relações econômicas e tecnológicas no âmbito local.

A governança na forma de “redes” caracteriza-se pela existência de aglomerações de micro, pequenas e médias empresas, sem grandes empresas localmente instaladas exercendo o papel de coordenação das atividades econômicas e tecnológicas. São marcadas pela forte intensidade de relações entre um amplo número de agentes, onde nenhum deles é dominante.

1. Quais são as principais vantagens que a empresa tem por estar localizada no arranjo? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Externalidades	Grau de importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Disponibilidade de mão-de-obra qualificada	(0)	(1)	(2)	(3)
Baixo custo da mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com os fornecedores de insumos e matéria prima	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com os clientes/consumidores	(0)	(1)	(2)	(3)
Infra-estrutura física (energia, transporte, comunicações)	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com produtores de equipamentos	(0)	(1)	(2)	(3)
Disponibilidade de serviços técnicos especializados	(0)	(1)	(2)	(3)
Existência de programas de apoio e promoção	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com universidades e centros de pesquisa	(0)	(1)	(2)	(3)
Outra. Citar:	(0)	(1)	(2)	(3)

2. Quais as principais transações comerciais que a empresa realiza localmente (no município ou região)? Favor indicar o grau de importância atribuindo a cada forma de capacitação utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Tipos de transações	Grau de importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Aquisição de insumos e matéria prima	(0)	(1)	(2)	(3)
Aquisição de equipamentos	(0)	(1)	(2)	(3)
Aquisição de componentes e peças				
Aquisição de serviços (manutenção, marketing, etc.)	(0)	(1)	(2)	(3)
Vendas de produtos	(0)	(1)	(2)	(3)

V – POLÍTICAS PÚBLICAS E FORMAS DE FINANCIAMENTO

1. A empresa participa ou tem conhecimento sobre algum tipo de programa ou ações específicas para o segmento onde atua, promovido pelos diferentes âmbitos de governo e/ou instituições abaixo relacionados:

Instituição/esfera governamental	1. Não tem conhecimento	2. Conhece, mas não participa	3. Conhece e participa
Governo federal	(1)	(2)	(3)
Governo estadual	(1)	(2)	(3)
Governo local/municipal	(1)	(2)	(3)
SEBRAE	(1)	(2)	(3)

2. Qual a sua avaliação dos programas ou ações específicas para o segmento onde atua, promovido pelos diferentes âmbitos de governo e/ou instituições abaixo relacionados:

Instituição/esfera governamental	1. Avaliação positiva	2. Avaliação negativa	3. Sem elementos para avaliação
Governo federal	(1)	(2)	(3)
Governo estadual	(1)	(2)	(3)
Governo local/municipal	(1)	(2)	(3)
SEBRAE	(1)	(2)	(3)
Outras Instituições	(1)	(2)	(3)

3. Quais políticas públicas poderiam contribuir para o aumento da eficiência competitiva das empresas do arranjo? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Ações de Política	Grau de importância			
Programas de capacitação profissional e treinamento técnico	(0)	(1)	(2)	(3)
Melhorias na educação básica	(0)	(1)	(2)	(3)
Programas de apoio a consultoria técnica	(0)	(1)	(2)	(3)
Estímulos à oferta de serviços tecnológicos	(0)	(1)	(2)	(3)
Programas de acesso à informação (produção, tecnologia, mercados, etc.)	(0)	(1)	(2)	(3)
Linhas de crédito e outras formas de financiamento	(0)	(1)	(2)	(3)
Incentivos fiscais	(0)	(1)	(2)	(3)
Políticas de fundo de aval	(0)	(1)	(2)	(3)
Programas de estímulo ao investimento (venture capital)	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras (especifique):	(0)	(1)	(2)	(3)

4. Indique os principais obstáculos que limitam o acesso da empresa as fontes externas de financiamento: Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Limitações	Grau de importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Inexistência de linhas de crédito adequadas às necessidades da empresa	(0)	(1)	(2)	(3)
Dificuldades ou entraves burocráticos para se utilizar as fontes de financiamento existentes	(0)	(1)	(2)	(3)
Exigência de aval/garantias por parte das instituições de financiamento	(0)	(1)	(2)	(3)
Entraves fiscais que impedem o acesso às fontes oficiais de financiamento	(0)	(1)	(2)	(3)
Outras. Especifique	(0)	(1)	(2)	(3)

18. Como tomou conhecimento da iniciativa?

	Sim	Não
SEBRAE		
SINDIVEST		
SECTI		
FIEB/IEL		
Outros Empresários		
Outros		

19. As informações sobre as iniciativas de apoio circulam facilmente?

SIM	POUCO	NÃO
()	()	()

21. A iniciativa contribuiu para fortalecer a interação e cooperação local?

SIM	POUCO	NÃO
()	()	()